

Entrevista: literatura e política

Eduardo Viveiros
Silvana Martinho

Maria Silvia Betti é professora do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês da FFLCH-USP, atualmente licenciada para elaboração do texto de sua Livre-Docência. Pesquisadora do Neamp, ela é autora de *Vianinha*, da série Artistas Brasileiros (nº 6), da Editora da Universidade de São Paulo, e tradutora de *O Método Brecht*, de Frederic Jameson, publicado pela Editora Vozes, dentre outros estudos.

Nesta entrevista, Maria Silvia Betti analisa a relação entre arte e política (literatura e política), a partir dos estudos que fez sobre dramaturgia e teatro, do seu relacionamento com grupos de teatro como Folias D'Arte e Tapa, entre outras atividades.

Revista Aurora: Como você analisa a relação entre Arte e Política, Literatura e Política?

Maria Silvia Betti: Eu acho que elas são inseparáveis... elas são inseparáveis sem um grau considerável de distorção. Quando você discute um soneto de Shakespeare você tem um fio de reflexão para determinadas perspectivas, também políticas, que estão ali. Acho que nesse sentido, o trabalho do Terry Eagleton - no contexto brasileiro, o trabalho de Antonio Candido, e não é à tã que ultimamente o trabalho de Antonio Candido tem sido antagonizado por setores consideráveis. O trabalho de Antonio Candido, o trabalho do Roberto Schwarz, o trabalho de Terry Eagleton, *O inconsciente político*, do Frederic Jameson, acho que são trabalhos fundamentais nesse sentido, porque eu acho que quando trabalhamos com literatura e, no meu caso particularmente, imagine você trabalhar com literatura estrangeira, ter que dar aulas em língua estrangeira. Quer dizer, o que estamos fazendo aqui? O mínimo que se espera é que haja em alguma medida uma forma de pensamento crítico sendo colocado em jogo, sendo trabalhada e compartilhada. Não estamos aqui para transmitir determinados conteúdos, mas para pensar formas de

pensamentos. De repente a literatura é um instrumento preciosíssimo nesse sentido. Eu acho que às vezes, em muitos sentidos, têm coisas que são ditas ou expressadas artisticamente, que se tivessem que ser ditas academicamente elas se transformariam em coisas extremamente longas e, de repente, em uma linha, em um verso você tem coisas que são maravilhosas...

Por isso que eu gosto também da poesia, embora eu não seja uma pesquisadora da poesia. Quando eu trabalho com poesia eu sempre falo para os alunos o seguinte: a poesia é um arquivo zipado que você tem que descomprimir, porque se você não descomprimir você abre aquilo e é cheio de sinaizinhos indecifráveis, você não faz nada com aquilo. Eu acho que a poesia é um arquivo zipado e, de certa forma, o teatro também. Ele não é lembrado na formação das pessoas; ele não é lembrado nem na escola média nem nos cursos superiores de Letras. Eu tive uma orientanda que teve bolsa e por conta da bolsa ela teve um projeto chamado PAE – Programa de Apoio à Pesquisa e ao Ensino, alguma coisa assim. E ela fez uma pesquisa, entre outras coisas, sobre o que se ensina de teatro norte-americano nos cursos de Letras. Entrevistou vários coordenadores, e é mínimo o que se lê, o que se estuda. Literalmente você está diante de alguma coisa em que ninguém, ou pouquíssima gente, está sequer interessado em participar. Eu acho que é uma questão fundamental.

RA: No teatro de Shakespeare as tensões entre vida e política, indivíduo e poder se manifestam em várias peças. Em qual delas você percebe mais claramente essas tensões e em que momento da peça elas estão presentes?

MSB: Bom, não sendo uma pesquisadora de Shakespeare, eu estou cercada por pessoas que pesquisam, estudam e fazem trabalhos extremamente detalhados e minuciosos como José Roberto O'Shea (UFSC), Marlene Soares dos Santos (UFRJ) e Bárbara Heliadora, pesquisadora e divulgadora de Shakespeare no Brasil. A minha perspectiva com Shakespeare surgiu pelo lado do teatro, quando o Folias D'Arte – que é um dos grupos com os quais eu tenho uma interlocução, um acompanhamento de pesquisa; o Folias D'Arte, em 2002, montou um projeto que veio a ser contemplado com um fomento (Programa de Fomento ao Teatro da Prefeitura de São Paulo) e esse projeto era a montagem de Otelo. E Otelo é a única das peças de Shakespeare, das grandes tragédias, cujo protagonista não é

um nobre, nem um príncipe nem um rei. E quem é Otelo? Otelo é o general mouro, é o vencido que serve ao vencedor. O general mouro que é o braço direito da *sereníssima* república de Veneza, que, não casualmente, era o grande poder econômico, e político, do mundo mercantil da época, que hegemonizava, tinha suas colônias no Mediterrâneo, das quais Chipre era uma delas. E é justamente nesse sentido que Otelo foi lido, discutido e encenado pelo Foliás. Isso eu acho extraordinário, porque esse olhar que o Foliás fez sobre Shakespeare não é um olhar padrão...

Nós temos muito a aclimatação do Shakespeare para as linhas de pesquisa vigentes nas universidades de grande porte internacionais. Você tem o Shakespeare das minorias, o Shakespeare feminista, o Shakespeare pós-colonial, multicultural, transcultural, o Shakespeare dos *gay studies* etc. E, de repente, você tem uma abordagem que é uma miríade de possibilidades que, não nos iludamos, elas estão todas atreladas, de um lado na academia e de outro lado no mercado. Porque Shakespeare além de ter sido transformado em um macrocânone de todas as épocas – a ponto de ele ter sido chamado, pelo Harold Bloom, de o *inventor do humano*. Você quer maior processo de canonização do que isso? Quer dizer, você se permitir lidar com Shakespeare dessa maneira é extremamente gratificante. Eu tive a oportunidade de assistir, dentro do Projeto Teatro Vocacional, da Prefeitura, no ano de 2004, no momento em que estava se encerrando o Projeto Teatro Vocacional, eu fui ao CEU Veredas e vi duas peças montadas por adolescentes. Coisas que eles fizeram com direção de dois artistas orientadores do Projeto. Um deles era o Luis Mármore da Cia São Jorge de Vareiedades e a outra era Magali Biff da Cia Coisa Boa. Eles foram ler Shakespeare no original – traduzido, claro, para o português, mas não era versão facilitada para adolescentes, ninguém falou para eles: “- Olha, isto é Shakespeare!” Eles foram estudar, ler, pegaram o dicionário, foram procurar as palavras e montaram um pedaço do *Hamlet*. Duas turmas, uma no período da manhã, outro no período da tarde. Puseram música de Rap e fizeram um trabalho absolutamente entusiasmante, apaixonante. Ninguém falou para eles “- Isto é Shakespeare, vocês tem que respirar fundo antes de se debruçarem sobre isto”. Isso eu acho extraordinário e eu sou bastante entusiasmada por essa perspectiva: da descanonização dos cânones. Fazer esses cânones se transformarem em coisas ricas, em coisas vivas.

Eu tive a oportunidade de fazer - aí fora, ironicamente, do teatro - em 2002... a fundação Perseu Abramo, queria muito fazer um livro na coleção Pensamento Radical, sobre o Mark Twain. Ele é um grande cânone na literatura norteamericana. O Mark Twain teve uma participação fundamental como uma figura pública em entidades de militância antiimperialista e esse lado foi sumariamente apagado de todas as obras que foram colocadas em grande circulação acadêmica e editorial sobre o trabalho dele. A Fundação Perseu Abramo, principalmente através da dona Zilah e do Luiz Dulci, na época, tinha tido contato com uma antologia espanhola chamada *Las Tres Erres* (Raça, Revolução e Religião) e um trabalho que estava começando a sair, de um pesquisador da Universidade de Siracusa, nos Estados Unidos, chamado James Zwick, que tinha um extraordinário portal na Internet, onde ele disponibilizou os escritos de Mark Twain. E aí eles me convidaram, eu disse que não era pesquisadora de ficção, mas acabei me apaixonando pelo trabalho e fiz uma compilação que saiu pela coleção Pensamento Radical. Isso foi um trabalho que tive um enorme prazer em fazer e grande parte daqueles textos eu acabei pegando do portal do James Zwick. A remissão para esse portal está na primeira página, e eu faço questão porque ele lamentavelmente faleceu em janeiro deste ano, prematuramente aos 52 anos de idade... Eu acho que ele foi uma figura extraordinária e generosíssima, porque ele foi pesquisar, colocou isso no portal e disponibilizou, e praticamente 80% daqueles textos foram colhidos do portal. Eles foram sumariamente tirados de circulação.

RA: A internet não tem só a função de publicar novidades, ele tem milhares de oportunidades para explorar.

MSB: Ele generosamente usou de uma forma incomum, na minha avaliação. Colocou não só textos, mas também charges políticas. Na ocasião eu fiz todo um levantamento, queria muito que o livro viesse a ter também as charges. Mas infelizmente não pudemos ter, porque todas elas têm direitos autorais, e editorialmente não são viáveis. Foi um trabalho que eu tive um enorme prazer em fazer, que eu tenho um grande orgulho de ter sido convidada para fazer esse trabalho. Depois, para essa mesma coleção eu vim a fazer a introdução de um trabalho que existia, publicado, que nunca tinha sido discutido aqui, mas que veio a ser traduzido pela Fundação Perseu Abramo e eles me chamaram para fazer um

estudo introdutório, que foi *O Povo do Abismo*, do Jack London. *O Povo do Abismo* foi uma reportagem que ele escreveu na época da coroação do rei George. Em 1905. Ele ia fazer outra coisa, era para ir à África do sul cobrir a Revolução dos Boxers. Ia para Londres, de Londres para a África do Sul... Chegando em Londres recebeu um telegrama que dizia: “- Volta que acabou o dinheiro”. Em Londres estavam acontecendo os festejos da coroação do novo rei e ele resolve ficar e cobrir, mas faz isso do ponto de vista da população, daquele bolsão de miséria absoluta. Dentro do coração do Império Britânico você tem um bolsão de miséria. E ele se hospeda naqueles albergues e vai inclusive vestir, comer e viver o dia a dia, e faz um trabalho muito interessante, não desprovido de contradições. E eu tinha sido convidada para fazer essa introdução e estava indo fazer a minha pesquisa do teatro norte-americano em Nova Iorque. E disse: “ - olha, só se eu puder entregar quando voltar”; eles deixaram e me vi lá em Nova Iorque na biblioteca da MiU e fiz uma pesquisa que pegou carona na outra. Foi muito interessante porque Jack London é apaixonante...

RA: Esse texto tem uma característica muito interessante dos escritores-jornalistas americanos, isso é uma imagem que temos dos intelectuais americanos muito interessante.

MSB: Jack London e Mark Twain, os dois com um lado performático. Mark Twain percorria o país dando conferências sobre suas viagens. Quando ele chegava numa cidade para fazer uma conferência, uma *lecture*, parava a cidade com faixas etc. Isso seria impensável no mundo atual, mas naquela época... Ele tinha percorrido o mundo, e percorria os Estados Unidos de costa a costa desde a adolescência, subindo e descendo o Rio Mississippi, de onde vem o pseudônimo dele, *by the Mark Twain*. Ele não se chamava Mark e sim Samuel. A indústria da literatura estava se expandindo ombro a ombro com a própria literatura. O Edgar Allan Poe era outro, morreu na miséria. São figuras extraordinárias, nesse sentido.

RA: A indústria foi a reboque desses autores. Hoje a indústria fabrica, encomenda autores.

MSB: a indústria pegou impulso neles, pois é...

RA: Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária* (1976) diz que a integridade de uma obra literária não permite dissociação entre aspectos internos (estrutura) e externos (sociais, políticos, etc) do ponto de vista da análise. A obra literária incorpora o externo (político) como elemento de sua “própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo”. Com isso, saímos ‘dos aspectos periféricos da sociologia (...) para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator da arte’. O paradoxo, diz Antonio Candido, ocorre quando “o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica”. A seu ver, essa análise do professor Antonio Candido é válida para o teatro e a literatura que reivindicam, ainda hoje, o político como um dos pontos centrais dessas expressões artísticas?

MSB: Eu acho que é mais oportuna do que nunca, inclusive porque atualmente estamos num momento em que esta perspectiva de pesquisa não é aquilo que condiz com os interesses da grande máquina publicitária - editorial de um lado e, de outro lado, no lado que nós estamos na academia, ela não tem um grande interesse para as linhas hegemônicas das grandes universidades etc. Eu acho que ela é mais oportuna do que nunca. Agora, por que ela é tão incômoda? Por vários motivos. Em primeiro lugar, porque não está atrelada a esse tempo produtivista e acelerado. Em segundo lugar porque ela tem uma interface com aquilo que também o Paulo Freire fez e propôs, você não tem uma perspectiva de pensamento e de transformação se você não se permite fazer isso de uma forma com um mínimo de respiro humano, e é isso que a gente não tem. Eu costumo falar brincando, para o Eduardo Tolentino, diretor do grupo Tapa, que é um grupo com o qual eu tenho uma grande amizade e afinidade de pesquisa... eu costumo falar brincando: as mesas de botequim das décadas de 50 e 60 tinham mais respiro intelectual e crítico do que os bancos da universidade da nossa era, porque as coisas eram compartilhadas com prazer, elas eram vivas. Antes de qualquer coisa, elas eram algo que concernia às pessoas.

Algum tempo atrás eu mandei um e-mail para uma pesquisadora, de fora de São Paulo, avisando que uma determinada peça ia estrear e achei que iria ser de interesse dela. Ela realmente se interessou e agradeceu respondendo: “- Pode dar um bom paper”. Então essa é a minha questão: parece que tudo o que Academia toca vira *paper*. Eu recebo,

mensalmente, dezenas de revistas de programas de pós-graduação de várias partes. Eu não tenho espaço físico para acomodar o que eu recebo. Cada vez mais eu tenho dificuldade de doar esse material para bibliotecas, porque elas não aceitam doações. E é terrível pensarmos que, no momento em que estamos, não temos a obra do Vianinha publicada. Se você procurar o *Rasga Coração*, de 1979, edição do SNT (Serviço Nacional de Teatro), você não encontra. A antologia que Fernando Peixoto organizou e publicou é maravilhosa, de 1983... 1983, nós estamos em 2009! São gerações e gerações que não conseguem ter acesso e, no entanto, temos publicações e publicações de revistas que não conseguimos que as bibliotecas aceitem. Que sentido tem isso? A CAPES nos diz: “- Não, o importante é colocar na internet, porque na internet você tem um grande alcance”. Eu acho que realmente é importante, mas eu acho que temos que lembrar que a internet é para quem está em São Paulo. Se você sair de São Paulo e olhar a realidade do país, isso não tem significado nenhum. Eu trabalhei no Projeto Formação de Público entre 2001 e 2003, e tentei colocar coisas na internet com o seguinte pensamento: se de cada 100 professores do ensino público, 1 conseguir acessar, isso já será interessante. E nem isso nós conseguimos.

RA: Artur Azevedo, na Revista “O Rio de Janeiro em 1877” mostra duas alegorias, a “Arte” e a “Política” discutindo em cena, na presença do personagem “Zé povinho”. A “Arte” apresenta a “Zé povinho” uma enorme tela (Batalha de Avaí) e diz: ARTE – Zé Povinho, vou-te mostrar um trabalho digno do teu apreço! Olhe e admira! Ao que a “Política” responde, à esquerda da cena: Política – Ora! Tem defeitos. E a “Arte” retruca: ARTE: Poderá não os achar a política! A seu ver essa distância intelectual entre o Zé Povinho, a arte e a Política ainda predomina no cenário artístico, assim como certo discurso moralista de artistas com relação a política? Essa cena ainda é possível de ser vista na discussão sobre a relação entre arte, política e cultura popular, por exemplo?

MSB: O Artuz Azevedo criou essa personagem, que é o Zé povinho. Agora, no que nos diz respeito, nós temos que dar nomes aos bois e os bois são as classes de que estamos falando, porque o que eu acho é o seguinte, pensando qual relação entre o povo e os intelectuais na política, quando falamos “o povo” temos que pensar de que classe estamos falando. Se estamos falando da classe trabalhadora, temos uma questão muito curiosa que é a seguinte:

os intelectuais geralmente não se veem como trabalhadores. E é muito curioso porque isso apareceu nas últimas greves na universidade. Quer dizer, qual é a categoria que se mobiliza, qual é a categoria que tem um avanço, no sentido político? É a categoria dos funcionários, porque a categoria docente e mesmo a dos estudantes se impregnam de outras formas. Esse é um dos problemas e quando lidamos com isso, isso aparece das formas mais distorcidas possíveis no nosso trabalho. Eu acho que uma das coisas mais difíceis é tentar ter um olhar para isso que permita que não embarquemos nesse pensamento, que não considere que é natural que seja assim, que é desejável que seja assim, que esse é um padrão de excelência, de pesquisa, de pensamento. Eu acho que o mais desafiador é fazermos isso quando ficamos diante de várias “saídas juntas” porque não podemos falar as coisas abertamente, porque temos colegas que vão se sentir depreciados e vão se sentir atingidos. Tem várias coisas que temos que falar com 20 luvas de pelica em cada mão e fazendo certas ginásticas porque, enfim... acho que uma das coisas mais fáceis do mundo é encontrar defeito em trabalho alheio. É complicado porque, ou saímos por aí atirando pedra na vidraça de todo mundo ou então ficamos meio que tendo que lidar com a invisibilidade. Porque é engraçado: você se torna invisível, você é invisibilizado pelo sistema. Tem muitas pessoas que enfrentam isso de maneira crucial. A Iná Camargo Costa é uma dessas pessoas. Ela tem um trabalho extraordinário, extremamente coerente. E esse trabalho extraordinário e coerente está acontecendo da forma mais viva e produtiva possível fora dos muros da academia.

RA: E ele se torna invisível porque a academia... Quando a mídia cita, cita sempre “especialistas” da mesma instituição ou assimilados pelo sistema. Isso acontece muito com a Política.

MSB: Ele se torna invisível do lado da mídia e do lado da academia. Quer dizer, é o lado que reproduz o pensamento do sistema. E é isso que nós fazemos também. Não podemos nos iludir.

RA: Como situa na temática geral dessa entrevista a obra do poeta e autor teatral Federico Garcia Lorca?

MSB: Eu sou apaixonada pelo Lorca como amadora, como leitora. O Lorca poeta chegou para mim antes do Lorca dramaturgo, embora eu ouvisse falar das montagens, da Casa de Bernarda Alba, Yerma. Eu pertencço à geração que viu muito teledramaturgia. Eu vi tele-teatros, tv de vanguarda, tele-teatro do Canal 2, li várias adaptações de Lorca para teledramaturgia. O Lorca me chegou por essa via antes de eu ser pesquisadora, professora, o que quer que seja. O que eu acho extraordinário no Lorca, por um lado, é a forma como ele constrói o lírico, quer dizer, o lírico fica numa lâmina que ele constrói entre o popular, daquele popular de mulher do povo, de lavadeira, de tocadora de rebanhos, de pastor. E como ele olha, contempla uma coisa que é um pouco o lado popular da tragédia... isso eu acho extraordinário. Eu acho que ele trabalha, ele olha para a tragédia com a perspectiva da classe trabalhadora, e ele magnifica a tragédia com esse material da classe trabalhadora. Tem linhas do Lorca que são inesquecíveis... aquele poema dele *“mãe quero ser de prata/ filho terás muito frio/ mãe quero ser de água/ filho terás muito frio/ mãe porta-me em tua almofada/ isto sim, agora mesmo”*.

Tem um teatro nessa poesia, eu acho que ele caminha nessa linha o tempo todo, eu tenho uma grande paixão pelo Poeta em Nova Iorque. Pretendo ainda, inclusive já estou sabendo que no ano que vem vou dar Tópicos da Poesia e estou pensando em incluir, porque eu tenho feito essas inserções de autores. De teatro eu faço constantemente, não me prendo aos de língua inglesa. O Lorca, o Poeta em Nova Iorque, é um trabalho que eu acho apaixonante, eu teria muita vontade de inserir. Essa lâmina na qual ele se coloca, entre o lírico e o popular, essa paixão por esse aspecto da tragédia, mas não a tragédia como o destino humano, o fado humano, mas como aquela carga de sofrimento que essa gente trabalhadora carrega e compartilha, nos seus laços de sangue e no seu peso da ancestralidade familiar que ele está expondo de uma maneira primorosa. O mundo das mulheres de Lorca, da Casa de Bernarda Alba, aquelas mulheres de preto, (a personagem) Martírios... são...eu acho que cada ângulo para o qual você olha você flagra aspectos que podem se desdobrar em outros, sem se falar do lado da trajetória do Lorca como pessoa, toda a inquietação dele. Ao mesmo tempo que ele foi um autor bem nascido, que freqüentou os círculos da intelectualidade etc, como ele se permitiu não ser amordaçado por isso e pisar no chão que o povo pisa, que a classe trabalhadora pisa e se enxergar também

como um trabalhador do verso. Como alguém que diz “eu sou de vocês, eu sou um de vocês”.